

Galeria dos Ganhadores do Prêmio Fritz Feigl

Concedido de 1977 a 2008, o Prêmio Fritz Feigl foi uma iniciativa do Conselho Regional de Química - IV Região e destinada a homenagear profissionais da química com destaque em suas áreas de atuação e que, em função disso, contribuíram para o fortalecimento da profissão e para o desenvolvimento da Química. Abaixo estão relacionados os ganhadores das edições realizadas.

Nos anos pares, o concurso era aberto a profissionais que atuavam na indústria e prestação de serviços. Nos ímpares, era disputado por profissionais com atuação no magistério e/ou pesquisa.

O vencedor do prêmio ganhava um troféu, um certificado e a importância de R\$ 30 mil.

O Fritz Feigl foi substituído pelo **Prêmio Walter Borzani**.

Clique aqui para obter informações sobre Fritz Feigl, químico austríaco de nascimento, mas que desenvolveu importante carreira no Brasil.



Ernesto Leo Mehlich vence o Fritz Feigl – 2004

Tcheco de nascimento e brasileiro de formação Ernesto Leo Mehlich é o ganhador da edição 2004 do Prêmio Fritz Feigl. Promovido pelo CRQ-IV, a disputa envolveu profissionais da química que atuam na indústria. Mehlich foi escolhido devido à riqueza de seu currículo, iniciado em janeiro de 1944, quando ele ainda estava se preparando para ingressar na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Mehlich, que venceu outros cinco concorrentes, receberá um troféu, um certificado e a importância líquida de R\$ 30 mil. A entrega dos prêmios acontecerá durante a cerimônia em comemoração ao Dia Nacional do Profissional da Química, em 18 de junho, no auditório do CRQ-IV.

Nascido em 08 de março de 1923 na cidade de Frystat, Tchecoslováquia, Mehlich chegou ao Brasil com a família com nove anos de idade. Em 1944, quando ainda não havia completado 21 anos de idade e se preparava para ingressar na faculdade, conseguiu seu primeiro emprego na área química. Nos laboratórios da S/A Institutos Terapêuticos Reunidos Labofarma era dado início à uma carreira marcada pela pesquisa e descoberta de soluções que muito contribuíram para o desenvolvimento da indústria química nacional.

Mehlich conta que a Labofarma, uma indústria farmacêutica que fabricava gaze e algodão cirúrgico vinha enfrentando sérias dificuldades para importar cloro gasoso. A Segunda Guerra Mundial estava em andamento, o que praticamente impedia a chegada ao Brasil de produtos vindos do Exterior. Aí começou a aflorar a inventividade desse profissional. "Com poucos recursos técnicos, montamos uma unidade de



produção de cloro gasoso a partir da eletrólise de cloreto de sódio. Fabricou-se o alvejante hipoclorito de sódio, borbulhando cloro gasoso numa solução de soda cáustica", recorda Mehlich, acrescentando que aquela deve ter sido uma das primeiras unidades de produção construídas com material 100% brasileiro.

Já graduado em Química, em janeiro de 1952 Mehlich foi trabalhar na Dierberger Industrial, uma produtora de óleos essenciais. Como encarregado do laboratório e da produção, desenvolveu um destilador a vácuo, em vidro, provido de coluna de fracionamento aquecida por uma resistência elétrica variável, semelhante ao tipo Podbielnak. Com o auxílio daquele aparelho, resalta o ganhador do Prêmio Fritz Feigl 2004, muitos trabalhos pioneiros foram realizados, como deterpenação de óleos essenciais, obtenção de mentol por redução de mentona, obtenção de eucaliptol e mentol USP, extração de eugenol, síntese de acetato de linalila por acetilação etc.

O histórico profissional de Mehlich deixa claro que ele é um homem avesso ao comodismo e que sempre esteve em busca de inovações. Esse perfil pode explicar passagens rápidas que teve por algumas empresas que, apesar de importantes, não lhe ofereceram oportunidades de propor alterações que melhorassem seus processos produtivos.

Mas se em alguns lugares Mehlich não pôde mostrar todo o seu potencial, em outros sua inventividade encontrou solo fértil. A hoje extinta montadora de veículos Willys Overland do Brasil é uma das fábricas com destaque especial nas memórias do profissional. Depois de ser aprovado em um disputado processo de seleção, em março de 1959 Mehlich assumiu a chefia do laboratório central e dos processos químicos da empresa. Nos quase dez anos em que permaneceu na companhia, desenvolveu especificações e produtos junto aos fornecedores, aperfeiçoou processos na linha de produção e emitiu todas as especificações desta área, incluindo o setor de decapagem, fosfatização, pintura e tratamento anticorrosivo.

A área de corrosão foi um de seus grandes desafios na empresa. Devido a crise econômica da época e a conseqüente queda nas vendas, os veículos fabricados chegavam a ficar até 60 dias parados, ao relento, no pátio da montadora. A corrosão atmosférica a que ficavam sujeitos era de tal ordem que chegava a atacar até peças cromadas e de alumínio anodizado.

Depois de investigar o problema, Mehlich e sua equipe concluíram que a má qualidade da água industrial utilizada na linha de fosfatização era a principal causa da corrosão. A solução adotada foi a utilização de água desmineralizada no último estágio da linha de fosfatização e agentes tensoativos para melhorar o escoamento das águas de lavagem em área críticas. Depois de montados, os veículos passaram a receber um tratamento com cera, aplicada por pulverização.

Essa alteração no processo produtivo, desenvolvida pelo laboratório comandado por Mehlich, gerou uma enorme economia para a Willys, pois eliminou as dispendiosas repinturas dos veículos já montados, bem como a reposição de peças cromadas.

Mas o grande trabalho que Mehlich desenvolveu no período em que esteve na Willys não parou por aí. O laboratório de processos químicos que ele comandou desenvolveu o primeiro plastinol vedante à base de PVC, modificado com resina epoxi, um material que mais tarde seria amplamente adotado pela indústria automobilística brasileira.

Estágios feitos no Exterior, que o ajudaram a tornar-se fluente nos idiomas alemão e inglês e habilitado a ler em francês e espanhol, colocaram Mehlich em contato com modernas técnicas e também o credenciaram a participar do projeto "Interlagos", um dos primeiros automóveis esportivos produzidos no Brasil e que tinha como principal novidade a carroceria em fiberglass, construída pelo método Hand-Lay-Up, um processo artesanal. O projeto colocou Mehlich pela primeira vez diante da tecnologia dos poliésteres insaturados com fibra de vidro, área em que ele veio a se especializar mais tarde. Sua carreira na Willys terminou em 1967, quando a empresa foi comprada pela Ford.

Depois de uma rápida passagem pela Volkswagen, onde exerceu o cargo de encarregado do Laboratório Orgânico entre junho de 1967 e setembro de 1968, Mehlich aceitou convite da

Castrol do Brasil e transferiu-se para o Rio de Janeiro. Como Químico Chefe do Laboratório, teve acesso às fórmulas originais dos produtos e recebeu da empresa total liberdade para adaptá-las ao mercado brasileiro. Nos três anos em que esteve na empresa, desenvolveu muitos produtos para a indústria automobilística e também uma importante linha para o setor mecânico, como óleos, graxas, lubrificantes etc.

A seguir, também no Rio de Janeiro, Mehlich teve uma passagem de três anos pela Produtos Químicos Kauri S/A e Oakite Química Ltda., pertencentes ao mesmo grupo. Como gerente de Pesquisa e Desenvolvimento, tinha a responsabilidade de atender as duas empresas. Segundo relata, a Oakite e a Kauri possuíam um grande potencial. Porém, quando os sucessores do fundador – um engenheiro químico formado pela Escola Nacional de Química –, assumiram o comando as empresas entraram em rápido declínio.

Um mês depois de ter deixado o grupo carioca e retornado a São Paulo, Mehlich foi admitido para o cargo de Gerente da Divisão de Pesquisas e Desenvolvimento da Alba S/A Indústrias Químicas, passando a chefiar os laboratórios que a companhia mantinha na capital paulista, Cubatão (SP) e Curitiba (PR).

Como na época a Alba já fazia parte da Borden Chemical Inc, Mehlich teve a oportunidade de conhecer algumas fábricas e centros de pesquisa do grupo nos Estados Unidos, Inglaterra e França. Tais visitas técnicas foram de grande valia, à medida que lhe forneceram subsídios para desenvolver e aperfeiçoar várias linhas de produtos até então não fabricados no Brasil, como resinas de fundição, adesivos de contato a base de policloropreno, resinas acrílicas e fenólicas e produtos para venda em supermercados e lojas de material de construção.

Em 1982, quando atingiu a idade limite para cargos de comando, Mehlich deixou a Alba e passou a trabalhar como consultor autônomo, tendo prestado assistência a várias empresas, como Stonhard (Grupo R.P.M - EUA), Fosroc do Brasil (Grupo Burmah Castrol), Columbia etc.

Coroamento

E ainda hoje, aos 81 anos de idade, esse especialista em revestimentos anticorrosivos, resinas sintéticas e polímeros não quer nem pensar na aposentadoria. Mehlich trabalha atualmente na Imperflon Produtos para Construção, uma empresa que começou a operar recentemente e que fornece impermeabilizantes e repelentes à base de compostos de flúor para o mercado de pedras ornamentais.

"O Prêmio Fritz Feigl é um dos mais importantes da área química e conquistá-lo representa o coroamento da minha carreira profissional", comemora. Na noite do dia 18 de junho, quando será homenageado, Mehlich dedicará o prêmio à memória do professor Heinrich Rheinboldt, introdutor do curso de química na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e cujos ensinamentos nortearam toda a sua carreira profissional.